

Abrindo arquivos libertários

Margareth Rago.

Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 280 pp.

Alfredo Veiga-Neto

Doutor em Educação. Professor Titular da Faculdade de Educação e Professor-convidado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do *Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão — GEPI* (UNISINOS/CNPq). Coordenador do *Grupo de Pesquisa em Currículo e Contemporaneidade — GPCC* (UFRGS/CNPq). Contato: alfredoveiganeto@gmail.com.

Fazendo coro às palavras do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua *Apresentação* ao livro que é objeto desta resenha, eu também me pergunto: “como resenhar um livro”? Neste caso, agora: “como resenhar um livro como esse *Do cabaré ao lar*”?; sendo mais específico: “como fazer uma descrição da 4ª edição desse que, no Brasil, se tornou uma referência seja para os Estudos de Gênero, seja para os Estudos Anarquistas, seja para o campo da pesquisa histórica”? Esses “comos” me preocuparam desde que pensei em resenhar a última edição do primeiro livro da historiadora Margareth Rago.

Foi tendo clara tal dificuldade que me lancei a escrever esta pequena

resenha. E logo me dei conta de que a situação se complicava mais e mais na medida em que eu não poderia me deixar contaminar com o conhecido efeito de halo. Em outras palavras, na escrita deste meu pequeno texto tive, na medida do possível, de deixar de lado a admiração pessoal e profissional que desenvolvi ao longo dos tantos anos de convivência acadêmica com a autora do livro. Coisas assim não são separáveis; mas é preciso mantê-las (digamos) sob controle.

Enfim, foi consciente das dificuldades e munido de precauções que teci os comentários que seguem.

De modo um tanto tradicional, costumo dividir minha apreciação inicial sobre um livro em dois

planos: o plano da *arquitetura* e o da *engenharia*. No primeiro, estão as questões relativas à distribuição do que é dito, suas ênfases e encadeamentos, o balanceamento entre aquilo que é texto e aquilo que pode ser tratado como hipertexto, as tramas tecidas entre as descrições e os argumentos capazes de conectá-las, a preocupação do autor em acolher e conduzir o leitor. No segundo plano, estão as questões da própria execução formal, em termos de clareza do discurso, correção linguística, estilo, amarrações argumentativas e, até mesmo, a execução industrial e o acabamento gráfico final.

Depois disso tudo, passo ao que se costuma chamar de conteúdo mesmo. Aí surgem questões tais como: afinal, sobre que assuntos trata esse ou aquele livro? Em que universo ou universos ele se coloca? O que o autor ou a autora pretendeu dizer com o livro? Quanto existe ali de repetição, inovação e provocação? Quanto o livro diz por si mesmo e quanto ele é capaz de nos levar a pensar e a dizer?

A partir de tais questões, não hesito em afirmar que *Do cabaré ao lar* é um livro primoroso. Ele satisfaz todas as positivities que se pode esperar de uma excelente

obra. Na primeira edição isso já era assim; agora, nesta quarta edição revista e atualizada, a coisa toda ficou ainda melhor! Sem recorrer a enfeites ou recursos supérfluos, sem cometer excessos estilísticos, mas numa linguagem clara e elegante, Margareth vai entremeando seus achados (digamos) empíricos com inteligentes discussões teóricas. Trata-se de um recurso narrativo que, ao mesmo tempo em que tem um tom quase técnico tem, também, a qualidade de prender o leitor como se esse estivesse frente a um romance histórico. E, diga-se de passagem: de um excelente romance histórico! Para isso, contribuem os muitos excertos desarquivados pela autora e trazidos aos nossos olhos, cada vez mais desacostumados a acreditar na possibilidade de construirmos um mundo libertário e mais feliz do que os cotidianos que nos sufocam.

*

Lembro-me bem quando li pela primeira vez esse livro, há duas décadas: às voltas com os Estudos Foucaultianos e já conhecendo a competência de Margareth Rago, fui ali buscar alguns elementos que pudessem ser úteis para minhas pesquisas

no campo em que se articulam o pensamento de Michel Foucault e a Educação. Encontrei, de sobra, o que procurava. E, para minha surpresa e satisfação, acabei aprendendo muito mais do que imaginava ser possível aprender. *Do cabaré ao lar* ensinou-me muito sobre o anarquismo e o movimento anarquista no Brasil. Mostrou-me a alegria e as promessas libertárias que um dia dominaram os corações de tantos trabalhadores e alguns — e algumas... — intelectuais em nosso país. E ensinou-me, também, sobre como se pode fazer um estudo histórico compatibilizando diferentes perspectivas epistemológicas, ao conectar teorizações de origens distintas, como aqui é o caso dos *insights* foucaultianos e do pensamento de Edward Thompson.

Dividido em quatro capítulos, além da provocativa *Introdução* e da aguda e cortante *Conclusão*, o livro traz à luz muitas vozes utópicas e libertárias, há mais de um século esquecidas ou mesmo silenciadas e soterradas pelo *establishment* nacional. Fábrica, família, infância, sexualidade, disciplina, higiene, educação e mulher misturam-se com poder, resistência, moral, gestão, pureza, trabalho e norma. Só por aí já se vê que o percurso “do cabaré ao lar” pode ser

— e é... — tematizado com aportes da sociologia thompsoniana e do universo foucaultiano. Nesse particular, merecem destaque as discussões de Margareth acerca do binômio “fábrica satânica —fabrica higiênica” (capítulo 1), da “colonização da mulher” (capítulo 2), da “preservação da infância” (capítulo 3), da “desodorização do espaço urbano” (capítulo 4).

Cada um desses quatro capítulos se divide em seções cujos títulos são provocativos. Eis alguns exemplos: “as resistências cotidianas do proletariado”, “o mito do amor materno”, “apropriação médica da infância”, “a pedagogia libertária e a formação do homem novo”, “gestão higiênica da miséria”, “do público ao privado”, “a disciplina das vilas operárias” e “imagens libertárias da cidade do futuro”.

As doze fotos ilustrativas, além de bonitas, são evocativas de um tempo relativamente recente — pois elas não têm muito mais do que cem anos —, mas de um tempo que parece estar esquecido no passado. Vale a pena examiná-las atentamente, num exercício quase hipnótico de nos transportarmos a cenários, acontecimentos e práticas sepultadas para sempre.

Fechando o livro, está um cuidadoso

e detalhado Índice remissivo. Esse é um recurso de grande utilidade, mas infelizmente ainda pouco comum nas edições brasileiras. Ele enriquece ainda mais a nossa trajetória “do cabaré ao lar”.

*

Um comentário final: quando se lê a “Nota da Autora”¹, bem no início do livro, é impossível deixar de pensar duas coisas.

Em primeiro lugar: se *Do cabaré ao lar* é uma condensação de uma dissertação de mestrado defendida há mais de 30 anos, que se pode

¹ “Nota da Autora: este trabalho condensa a dissertação de mestrado defendida [...] no Departamento de História do IFCH da UNICAMP, novembro de 1984 [...]”.

dizer de tantas e tantas dissertações que hoje — nesse mundo regido pela aliança entre o produtivismo, o mercado e a performatividade — são feitas a toque de caixa? Que dizer da enxurrada das dissertações e teses que engordam as estatísticas universitárias, mas que desaparecem a partir do mesmo instante em que vieram à luz?

Em segundo lugar: ali estava a promessa de uma intelectual que, se fosse adiante, muita coisa importante ainda teria a nos oferecer. De fato — e felizmente para os meios acadêmicos brasileiros —, Margareth Rago foi adiante e até hoje, combativa como é, continua nos alimentando com seu brilho, seu trabalho e sua enorme capacidade intelectual.